

Aprendizagem Invisível Aplicada No Curso De Graduação Em Administração: uma revolução e um novo olhar para a educação formal

Autoria: Rafaela Albuquerque Valença de Araújo, Felipe Santana Garrido Pedrosa

RESUMO

O presente artigo, fazendo uso da estratégia de investigação metodológica de levantamento, aborda a aprendizagem invisível, uma nova maneira de enxergar e fazer a educação nos dias de hoje mais inovadora, compartilhando experiências e repensando estratégias para aprender e desaprender continuamente, e teve como intenção explanar algumas das múltiplas perspectivas da aprendizagem ligadas ao ensino e verificar os indícios de aprendizagem invisível na educação formal, mais especificamente no curso de graduação em Administração, a fim de constataremos se o modelo atual de ensino fomenta a criação de uma educação sustentável e permanente e se propicia o desenvolvimento do senso crítico.

Palavras-chave: Aprendizagem Invisível. Administração. Educação Formal.

“Las escuelas están diseñadas bajo la suposición de que hay un secreto para todo en la vida, de que la calidad de vida depende de ese secreto, de que el secreto sólo puede conocerse en series ordenadas y de que sólo los maestros pueden revelar adecuadamente esos secretos. Un individuo con una mente escolar concibe el mundo como una pirámide de paquetes clasificados que son accesibles solamente para aquellos que poseen las etiquetas correctas.” (Frase atribuída a Ivan Illich)

1.0 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vivemos na era do conhecimento, um dos bens mais preciosos do século XXI. Para Toffler (1980), o tempo atual se caracteriza como a era da informação ou a terceira onda. A Internet e as tecnologias permeiam toda essa sociedade da informação e leva-nos a crer que o sistema educacional formal está fadado ao insucesso. A era da informação a que Toffler faz referência é caracterizada pelas mudanças constantes, frutos dos logros da ciência e da tecnologia, e pela incerteza. Esta era, a que vivemos hoje, é uma nova realidade que exige dos indivíduos competências e habilidades para lidar com a informatização do saber.

Essa educação formal a que nos referimos parece mais estar ligada a processos institucionais, regulatórios e sistemas de acreditação e certificação do que a um debate sobre como enriquecer as formas de aprendizagem. Toda essa caracterização de tal modelo leva a crer que ele está marcado pelo insucesso. Mesmo assim, a educação formal está fortemente alicerçada. Os governos, por exemplo, creem que este enfoque é adequado à aprendizagem porque cai bem aos pressupostos nacionais e estaduais. E, além disso, existe toda uma indústria em torno deste tema (setor editorial educativo, instituições dedicadas à avaliação dos resultados escolares etc).

Diante das informações acima, você se pergunta se vale a pena lutar contra algo tão forte e sólido e que muda a passos de tartarugas! Será necessária uma Reforma? Cobo e Moravec (2011) em seu livro *Aprendizagem Invisível* falam o seguinte: “tal y como afirma elocuentemente Sir Ken Robinson, lo que necesitamos es una revolución, no una Reforma” (TED, 2010). Assim, ao invés de lutar contra o sistema, alunos, pais, educadores e outros agentes imersos na aprendizagem permanente tem decidido criar novas escolas, universidades e /ou redes de aprendizagem alternativas com as quais aprendem, descobrem, inovam e compartilham o conhecimento.

A visão da aprendizagem invisível que desejamos construir aqui vai além do espaço físico das escolas e universidades. Este novo modelo de ensino alcança o mundo desterritorializado em que vivemos, onde não existem barreiras de tempo e de espaço para que as pessoas aprendam e se comuniquem, fazendo uso das tecnologias de informação, da capacidade analítica de cada sujeito e da utilização da habilidade humanística: uso da cabeça, do coração e das mãos, o que nos faz humanos e diferentes de máquinas.

Nesse sentido, pretendeu-se com este artigo, a partir de um estudo quantitativo, em forma de levantamento com estudantes do curso de Administração (em instituições privadas e públicas), verificar a existência de indícios de aprendizagem invisível no sistema atual de ensino, buscando contribuir para a criação de um processo de aprendizagem sustentável e permanente, inovando e desenhando novas culturas para uma sociedade global, em que o pensamento crítico é estimulado frente ao papel da educação formal, informal e não formal em todos os níveis educativos.

O estudo está dividido em cinco seções, sendo esta a primeira. A segunda seção traz algumas das múltiplas perspectivas que existem acerca da aprendizagem, na seção 3 é feita uma explanação mais aprofundada do que é a aprendizagem invisível, na seção 4 detalhamos os procedimentos metodológicos, na seção seguinte analisamos os dados coletados com os alunos da graduação do curso de Administração e interpretamos os resultados à luz da aprendizagem invisível e na última seção, as considerações finais são apresentadas.

2.0 ALGUMAS DAS MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS DA APRENDIZAGEM

Muito já se sabe sobre o tema ‘aprendizagem’. Já ouvimos falar em aprendizagem analógica (cara a cara), aprendizagem à distância, aprendizagem em linha (por meio de softwares que ajudam na aprendizagem virtual ou semipresencial), aprendizagem experiencial e, agora, em aprendizagem invisível. No entanto, nomes como Piaget (1969), Skinner (1968), Gagné (1971) e Paulo Freire (1968) merecem ser citados para discutirmos a aprendizagem a partir de seus conceitos.

Para Piaget (1969), o pensamento é a base em que se assenta a aprendizagem, é a maneira de a inteligência manifestar-se, e a inteligência, por sua vez, é um fenômeno biológico condicionado pela base neurônica do cérebro e do corpo inteiro, sujeito ao processo de maturação do organismo. A inteligência desenvolve uma estrutura e um funcionamento, e o próprio funcionamento, vai modificando a estrutura. Isto nos diz que a estrutura não é fixa e acabada, mas dinâmica, um processo em contínua melhoria. A construção se faz mediante a interação do organismo com o seu meio ambiente, visando adaptar-se a ele para sobreviver e realizar o potencial vital deste organismo.

O que Piaget nos quer fazer entender é que o processo de aprendizagem decorre de uma construção e reconstrução ao longo da vida do indivíduo, ou seja, a partir de aspectos como maturidade, experiência física, experiência lógico-matemática, transmissão social e busca de equilíbrio. Assim, Piaget entende a aprendizagem por uma perspectiva psicológica, levando em consideração o social e o biológico.

Nesse sentido, é necessário considerar as questões que norteiam o processo de aprendizagem na perspectiva piagetiana: é preciso esclarecer as ideias sobre assimilação, acomodação e busca de equilíbrio das estruturas. Estes termos biológicos são de grande importância na teoria de Piaget, pois é através destes que Piaget explica o processo de aprendizagem.

Em todas as tarefas e desafios que devemos cumprir possuímos esquemas para realizá-las com sucesso: quando enfrentamos situações jamais vistas não ignoramos estes esquemas, utilizamo-nos deles como base para solucionarmos o novo. Piaget (1973) explica o que são os esquemas: “Os esquemas são unidades de comportamento suscetíveis de repetição mais ou menos estável e de aplicação a situações ou objetos diversos.” Ou seja, são estruturas que norteiam nossas ações, metaforicamente os esquemas são análogos a metodologias que utilizamos para desenvolver tarefas.

A assimilação é definida por Piaget como uma forma de adaptação do sujeito ao meio. Ocorre assimilação quando o sujeito incorpora os dados externos aos esquemas que possui. A acomodação é a modificação necessária dos esquemas para poder incorporar esses dados externos (PIAGET, 1973). Diante de uma situação nova o sujeito utilizará esquemas já formados para explorar o novo, ou seja, assimilar o objeto. Por exemplo, diante de uma situação problema que nunca fora conhecida, o indivíduo utilizará seus conhecimentos prévios para reconhecê-lo, também conhecido como *background* ou *conhecimento de mundo*. Utilizará seus conhecimentos físicos e lógico-matemáticos para resolver o que está pendente.

Assimilar não é apenas associar situações que se cruzam, é incluir nesta associação a significação e incorporação dos dados. É um ato que possui significado para o sujeito, pois a ação sobre o objeto possibilita transformá-lo, resignificá-lo, como Piaget descreve em suas obras. Já copiar, memorizar e associar não envolvem a atividade do sujeito, pois estão ligados à passividade, ao receber de um superior e arquivar o que fora transmitido.

Como afirmamos acima estas definições são imprescindíveis para compreensão da origem da aprendizagem na concepção de Piaget.

Em contrapartida, Skinner (1968), não se interessa pelas estruturas mentais, explicando o comportamento e a aprendizagem como consequências dos estímulos ambientais. Sua teoria se fundamenta no poderoso papel da ‘recompensa’ ou ‘reforço’ e parte da premissa fundamental de que toda ação que produza satisfação tenderá a ser repetida e aprendida.

Gagné (1971), por sua vez, destacou a importância de uma hierarquia de tipos de aprendizagem que vão da simples associação de estímulos à complexidade da solução de problemas. A classificação proposta por ele indica a necessidade de utilização, para cada um deles, de diferentes tipos de estratégia de ensino, como:

- Aprendizagem de signos (reflexo condicionado);
- Aprendizagem estímulo-resposta (condicionamento operante);
- Aprendizagem em cadeia (série de ligações estímulo-resposta);
- Aprendizagem de Associações Verbais (tipo complexo de aprendizagem em cadeia);
- Aprendizagem de Discriminações múltiplas (processos de associações e discriminações);
- Aprendizagem de conceitos (entendimento de propriedades abstratas);
- Aprendizagem de princípios (relação entre dois ou mais conceitos);
- Aprendizagem de Resolução de Problemas (elaboração de um novo princípio combinando princípios já aprendidos).

Já para Paulo Freire (2011), a aprendizagem é vista como um processo de libertação, que traz mudanças e cria a consciência crítica. Para Freire (2005), o conhecimento é algo a ser construído na coletividade, pelo qual o movimento da ação–reflexão é tido como fundamental. Sua pedagogia se caracteriza por ser dialógica e também dialética, dialética porque não podemos dicotomizar os fundamentos da educação que são: ação – reflexão, subjetivo – objetivo, homem – mundo, educador – educando; nestas relações não há o que é mais importante e o menos importante, não há a hierarquia de um sobre o outro. Nestes parâmetros a educação não é via de mão única, mas via de mão dupla, não é assimétrica, mas é simétrica. Dialógica porque é através da comunicação que estabelecemos relações com o outro, que edificamos a dialética em nossa vida (FREIRE, 2005).

A educação progressista que Freire defende desenvolve a consciência crítica, sendo que para a transformação social este tipo de consciência é condição primordial. Já a educação bancária que Freire (2005) descreve trabalha com a consciência ingênua. Esta educação está presente em sociedades fragmentadas em classes eminentemente capitalistas que excluem as camadas populares do processo de democratização, designando a estes apenas uma educação de despejo de conteúdos alheios a ele. O objetivo desta educação é manter o *status quo* e formar uma parcela de trabalhadores alienados, que desconhecem a sua função dentro da sociedade.

A perspectiva da aprendizagem que adotamos neste trabalho considera a educação progressista defendida por Freire (2005), sendo caracterizada como uma aprendizagem que se dá ao longo da vida, ou seja, considera que somos capazes de continuar a aprender depois de terminada a nossa formação “escolar”, esquecendo a dicotomia entre adquirir conhecimento (na escola) e aplicar o conhecimento (no local de trabalho). Esse é talvez o aspecto mais

central na construção de uma nova ordem social (FISCHER, 2000) e o que buscamos aqui. Para Fischer (2000), apostar no lifelong-learning é uma necessidade da qual depende o futuro da sociedade da informação e do conhecimento.

Este conceito de aprendizagem ao longo da vida é o cerne de uma “sociedade aprendente” em que o sucesso dos sujeitos depende da sua capacidade de processar e gerir a informação e, sobretudo, da sua capacidade de adaptação à mudança. Segundo a OCDE (2000), em seus relatórios, a capacidade de adaptação à mudança é salientada e a responsabilidade que cabe à escola no desenvolvimento dessa nova sociedade em que o conhecimento, a criatividade e a inovação são os valores acrescentados que fazem a diferença e determinam o sucesso numa economia globalizada e altamente competitiva.

Segundo Veen e Vrakking (2009), uma das finalidades da educação ao longo dos tempos foi a de preparar os indivíduos para exercerem diversos papéis na sociedade. No entanto, os autores são categóricos em afirmar que esta primazia tem vindo a decair ao longo das últimas décadas, o que pode estar ligado ao advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), e à necessidade da aprendizagem ao longo da vida em ambientes informais até então nunca pensados.

A utilização das TIC garante a difusão de novas estratégias de veiculação da informação, bem como novos modelos de comunicação, abrindo um leque de possibilidades de mudanças comportamentais e atitudinais do ser humano em relação aos processos educacionais.

Com a velocidade que estão ocorrendo estas mutações, a necessidade de refletir sobre os objetivos e a função social da universidade são inevitáveis. Como pode a universidade e seus agentes (educadores, professores, funcionários) contribuir para a instituição da sociedade da aprendizagem? De que forma podem os agentes educativos fazer da escola, entendendo também como universidade, um lugar de eleição, não o único, para a construção do saber? Um local onde ocorre a aprendizagem, mas que vê nas novas formas de comunicação e contextos de aprendizagem da Web social não concorrentes, mas parceiros na criação de modelos de interação e construção colaborativa do conhecimento?

Para Veen & Vrakking (2009) a solução passa pelo uso das tecnologias como parceiras do processo de construção do saber e pela formação de professores. As TIC permitem aproximar pessoas de diferentes origens socioeconômicas, propiciando o aparecimento de espaços para troca de informações e partilha de conhecimentos. Isto se torna um desafio para a escola, pois ensinar em plena era digital contribui para criar “oportunidades nunca antes vistas para tornar o ensino uma profissão apaixonante e motivadora, que faça diferença para a sociedade futura. Tais oportunidades relacionam-se a novos papéis, novos conteúdos e novos métodos de ensino e aprendizagem.” (Veen & Vrakking, 2009, p.14).

É justamente nesse contexto que trazemos a ideia da Aprendizagem Invisível, de Cobo e Moravec (2011), introduzindo o entendimento de que a aprendizagem pode ser possível fora do sistema formal de educação, levando em consideração as TIC's e as formas alternativas de ensino, que criam senso crítico e transformam o aluno por meio de práticas inovadoras, compartilhamento de experiências, estratégias para aprender e desaprender continuamente e gerando uma estrutura educacional mais sustentável e permanente.

3.0 O QUE É A APRENDIZAGEM INVISÍVEL?

Segundo Cobo e Moravec, os autores que desenvolveram a tese da Aprendizagem Invisível, esta pode ser entendida por “uma proposta conceitual que surge como resultado de vários anos de investigação e que procura integrar diversas perspectivas sobre um novo paradigma de aprendizagem e desenvolvimento de capital humano especialmente relevante

como marco do século XXI.” Esta perspectiva leva em consideração o impacto dos avanços tecnológicos e as transformações da educação formal, não formal e informal, além das lacunas intermediárias. Sob esta abordagem procuramos explorar uma visão geral das opções para a criação de futuros relevantes para a educação de hoje. Aprendizagem Invisível não propõe uma teoria como tal, mas uma metateoria capaz de integrar diferentes ideias e perspectivas. Assim, tem sido descrito como um protoparadigma, em fase beta e, em fase de construção integral.

Segundo Ken Robinson (2011), a educação tem três papéis principais: o Pessoal ou Individual, o Cultural e o Econômico. E faz-se necessário que se mantenha atenção ao equilíbrio dentre esses papéis, em ordem a promover processo transformativo de nossos sistemas educacionais. Em estatísticas recentes da OCDE-Organização Para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD-Organization for Economic Cooperation and Development) para o Brasil, há grande diferença nos índices de empregabilidade para jovens que concluíram o ensino superior, mesmo se comparados com os que concluíram apenas o Ensino Médio ou com dados de países-membros da OCDE e do G20, ainda que neste último caso a diferença seja ligeiramente menor.

As taxas de emprego para as pessoas que alcançaram o Ensino Superior são maiores no Brasil (85%) do que nos países da OCDE (83%). Essas taxas são também significativamente maiores em relação àqueles que só tenham concluído o Ensino Médio (70%) ou que não tenham concluído esse nível de ensino (67%). Ter um ensino superior no Brasil aumenta a probabilidade de se estar empregado, mais do que em muitos outros países. A taxa de emprego na faixa de idade de 25 a 64 anos para pessoas que possuem nível superior foi 14 pontos percentuais maior do que para aqueles com o Ensino Médio, em comparação com uma diferença média de 9 pontos percentuais entre os países da OCDE. OECD (2013), Education at a Glance 2013: OECD Country Note Brazil, OECD Publishing.

Conforme Cobo e Moravec (2011, p.54):

“A crescente globalização que está permitindo que o conhecimento seja distribuído horizontalmente em áreas até então mantidas incomunicáveis, criando relações hierárquicas e proporcionando a possibilidade de que o conhecimento seja aplicado em contextos inovadores. No campo da aprendizagem, isto significa que todos se tornam co-aprendizes e coeducadores, como resultado da construção coletiva e aplicação de novos conhecimentos.”

Ainda assim, conquistar apenas o diploma de conclusão do ensino superior não se traduz em empregabilidade certa, pois os mercados corporativos ao redor de todo o mundo estão exigindo um perfil cada vez mais distanciado daquele para o qual as academias têm preparado e formado seus egressos. Um reflexo disto em diversas economias é o crescente número de profissionais com formação além do exigido pelas funções que desempenham. À medida que as economias e a própria sociedade na qual vivemos, cujas fronteiras evanescem contínua e inexoravelmente, evoluem e se tornam mais complexas e interligadas, mais elas demandarão profissionais com talentos sofisticados, exigindo características como uma perspicácia global, o conhecimento de diferentes culturas, alfabetização tecnológica, competências empresariais maturadas, bem como a capacidade de gerir organizações cada vez mais complexas. Se a sociedade exige um profissional capaz de “pensar de forma criativa, de inovar, que pode se comunicar bem, trabalhar em equipe e seja adaptável e auto-confiante” (ROBINSON, 2011), e se o atual sistema educacional vigente nas academias brasileiras não

realizam essa transformação, há longo prazo teremos grave crise na oferta de egressos acadêmicos aptos para o exercício profissional.

Para Cobo e Moravec (2011), em um mercado de competitividade multinacional, a educação superior é um ‘troféu’ que cada vez mais sujeitos tentam adquirir. Apesar disso, é importante ser capaz de ler as entrelinhas. Este incremento de pessoas que estudam não nos diz muito sobre a qualidade da preparação dos egressos destes programas. Nem quantidade é sinônimo de qualidade, nem mãos se pode ler como suficiente. Para estes autores, é muito provável que as universidades desempenhem um papel de crescente importância na época atual, mas será que isso ocorre porque estão oferecendo uma melhor educação ou por conta de um fenômeno global muito mais complexo?! Será que este modelo atual de educação formal que estamos sujeitos é um modelo de negócio ou propriamente um modelo educativo? Muitas universidades falham em áreas como cobertura e inclusão, mas também em aspectos relacionados com pertinência, eficácia, flexibilidade e inovação.

Neste sentido, importa colocar problema verificado na área de Administração nas últimas décadas: a grande expansão dos cursos de graduação em Administração no Brasil de 1990 a 2010 sem, contudo, adequada supervisão e estabelecimento de projetos político-pedagógicos que envolvam alternativas de ensino contemporâneas e com maior grau de informalidade, conforme dados do CFA (Conselho Federal de Administração):

Tabela 1 – Quantitativo de Cursos de Administração no Brasil

DÉCADAS	NÚMERO DE CURSOS
Antes de 1960	2
1960	31
1970	247
1980	305
1990	823
2000	1.462
2010	1.805

Nota: MEC - Dados compilados pelo Conselho Federal de Administração.

Isto posto, compreendemos haver necessidade de pesquisas sobre a evolução das metodologias vigentes nos cursos de graduação em Administração. Para tanto, debruçamo-nos sobre uma pesquisa com estudantes de graduação em Administração no município do Recife, Pernambuco.

4.0 METODOLOGIA APLICADA

De acordo com Fiorese (2003, p. 27) “O método (metodologia) é o conjunto de processos pelos quais se torna possível desenvolverem procedimentos que permitam alcançar um determinado objetivo”. Sendo assim, podemos afirmar que a metodologia exerce para o investigador/pesquisador a mesma função do mapa para os viajantes. Uma estrutura metodológica bem definida é condição *sine qua non* para a realização de uma pesquisa científica. Isso pode ser verificado nas palavras de Araújo (1993, p. 19) quando diz que “A ciência é, portanto, metódica. Pretende fornecer um modelo de realidade na forma de um conjunto de enunciados, que permitem obter explicações acerca de fenômenos e que são, além disto, suscetíveis de algum tipo de confirmação ou refutação, enfim de validação”.

Para concretização deste trabalho, optamos por usar de estratégia de investigação quantitativa de levantamento, visto que desejamos identificar se existem indícios de aprendizagem invisível no sistema de educação formal atual utilizado nos cursos de

graduação em Administração. Assim, esta pesquisa tem caráter predominantemente quantitativo e descritivo.

Segundo Creswell (2010), uma pesquisa de levantamento apresenta uma descrição quantitativa ou numérica de tendências, atitudes ou opiniões de uma população, estudando-se uma amostra dessa população.

Quanto aos participantes do experimento, limitamos nossa amostra aos estudantes do Curso de graduação em Administração da cidade do Recife e Região Metropolitana, mais especificamente das universidades públicas da região, quais sejam Universidade Federal de Pernambuco e Universidade de Pernambuco, sendo selecionados por conveniência, de modo que o questionário e seu respectivo pedido de resposta foram publicados em dois grupos na rede social denominada Facebook: **FCAP – Administração e Administração – UFPE**.

Este levantamento transversal ocorreu a partir de um questionário autoadministrado com 30 questões, abertas e fechadas. O motivo pelo qual adotamos este instrumento de coleta de dados está relacionado ao desejo de colher a opinião dos estudantes acerca das metodologias utilizadas nas referidas academias e da respectiva qualidade percebida. Além disso, adotamos critérios outros como:

- Tempo de entrega do questionário;
- Tempo de resposta dos alunos;
- Facilidade de tabulação dos resultados obtidos;
- Custo nulo;
- Canal direto de comunicação

Dessa forma, após explanar a metodologia utilizada para a realização deste artigo, passaremos à análise das respostas coletadas por meio do questionário.

5.0 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O número total de respondentes foi de 24 alunos, sendo 14 homens e 10 mulheres, com idade média de 23 anos. 71% destes, responderam exercer alguma atividade profissional, estando um terço na esfera pública e o restante, na iniciativa privada.

Os respondentes apresentaram perfil do ensino primário e secundário da seguinte forma: 21% em escolas públicas e 79% em escolas privadas.

Sobre os dados encontrados, é interessante notar que a totalidade dos entrevistados desconhece o significado de Aprendizagem Invisível e, quando solicitados a descrever o que poderiam entender por isto, apenas dois se aproximaram do conceito relativo, conforme abaixo:

Respondente 1: “Quando você aprende sem sequer perceber.”

Respondente 2: “Imagino se tratar de um método em que se aprende sem se ‘notar’, parte natural do processo é a aprendizagem sem que se sinta um enorme esforço em fazê-lo.”

Em algumas das perguntas realizadas, os respondentes falaram sobre o uso de TIC's em seus respectivos cursos de graduação em Administração como ferramentas auxiliares de aprendizagem. E como resultado, temos:

Sua universidade possui internet wi-fi de boa qualidade?

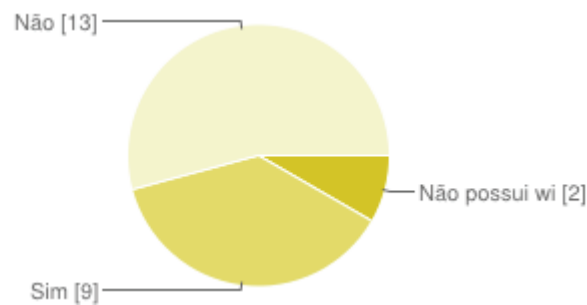


Figura 1: Internet wi-fi de boa qualidade.

Você faz uso de algum dos dispositivos móveis abaixo em sala de aula como ferramenta de aprendizagem?

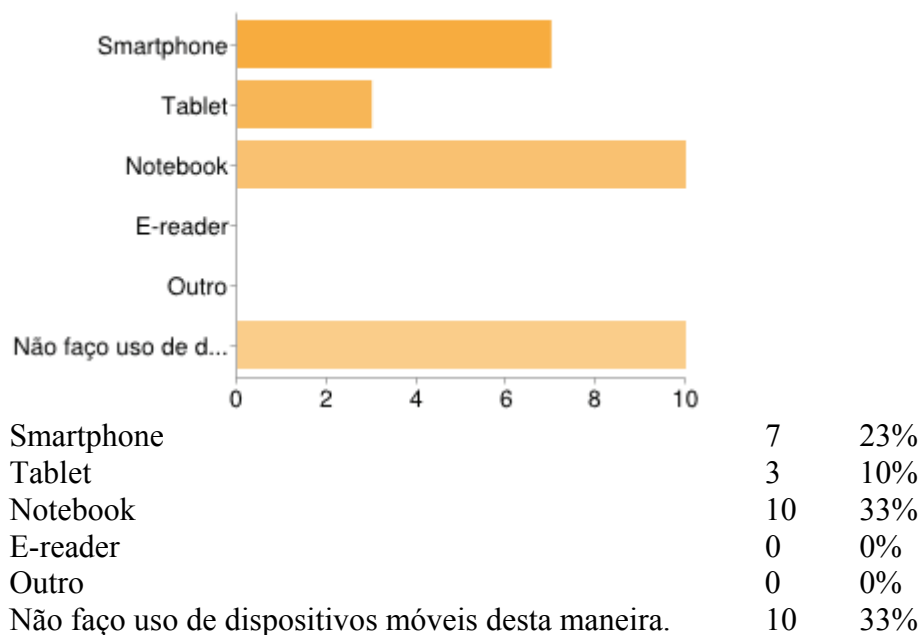


Figura 2: Uso de dispositivos móveis em sala de aula

Os autores de aprendizagem invisível consideram a utilização de instrumentos de TIC's essencial para, muito além de facilitar o acesso aos diversos tipos de informação, ensinar o desenvolvimento de espaços mutáveis de discussão e debate do conhecimento pré-existente, transformando-o em conhecimento não formal segundo as experiências dos que partilham do uso das TIC. Conforme Cobo e Moravec (2011), na Aprendizagem Invisível, métodos de ensino inovadores são essenciais para criar e estimular um ambiente mais flexível, criativo e propício ao desenvolvimento a qualquer tempo e lugar de habilidades e competências requeridas pela sociedade moderna.

Você utiliza as redes sociais no contexto educacional?

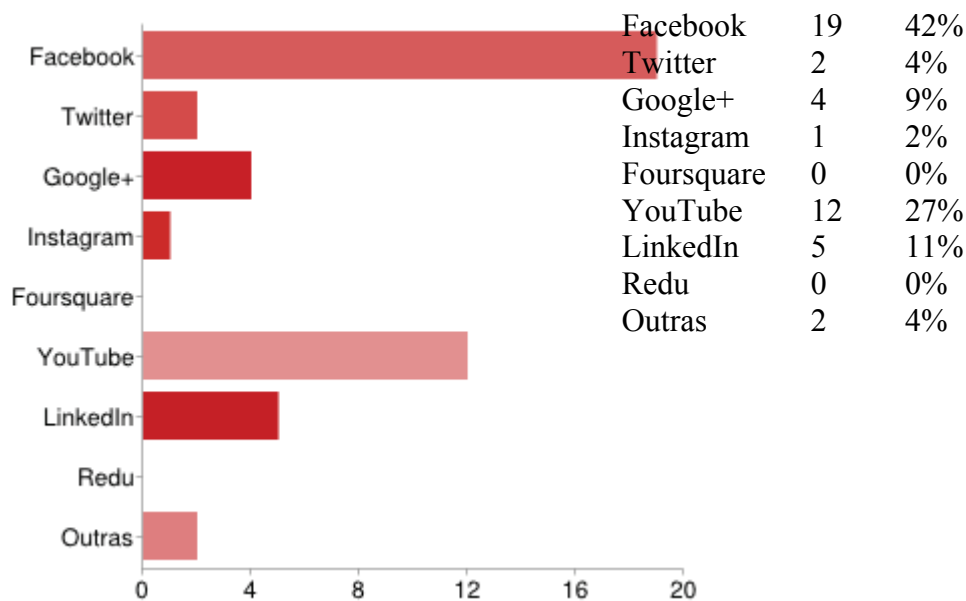


Figura 3: Redes sociais no contexto educacional

Sobre as habilidades adquiridas fora do ambiente formal de educação, constatamos que os estudantes de Administração acreditam na fragilidade do ensino formal, no que concerne à sobrevivência dos profissionais egressos da academia num ambiente complexo globalizado e cheio de avanços tecnológicos (83%) e que tais habilidades são aprendidas fora do ambiente formal de ensino (92%). Colardyn e Bjornavold (2004) falam de aprendizagem invisível: "Cada vez mais, a validação da aprendizagem não formal e informal está se tornando um aspecto fundamental das políticas de aprendizagem ao longo da vida. Esta aprendizagem ao longo da vida exige que os resultados da aprendizagem de diferentes situações e contextos podem ser interligados. Enquanto aprendizagem, habilidades e competências adquiridas fora da educação e formação formais permanecem invisíveis e pouco valorizados, a ambição para a aprendizagem ao longo da vida não pode ser alcançado".

Os respondentes falaram também a respeito dos métodos/técnicas utilizadas pelos seus professores nas aulas para avaliar a aprendizagem, e o que encontramos está representado no gráfico a seguir:

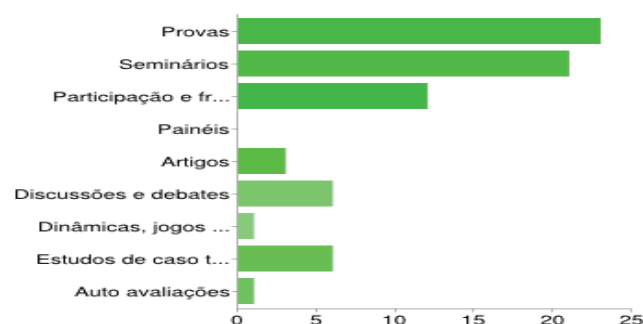


Figura 4: Métodos de avaliação mais utilizados no curso de Administração dos respondentes

As informações levantadas da amostra em análise nos levam a perceber que o sistema de educação utilizado nos dias de hoje, nos cursos de graduação em Administração estudados, está ainda totalmente impregnado de formalidade e pouca ou quase nenhuma inovação. Por meio de uma pergunta realizada acerca da criatividade e inovação, estudantes responderam que o sistema atual não favorece o desenvolvimento do senso crítico e ainda tolhe a criatividade dos alunos. Como podemos verificar nos gráficos seguintes:

Você se sente desafiado e estimulado a desenvolver seu senso crítico nas aulas de seu curso.



Figura 5: Desafio e estímulo para desenvolver o senso crítico

Acredito que o sistema atual de educação atua de modo que tolhe/limita a criatividade do aluno.

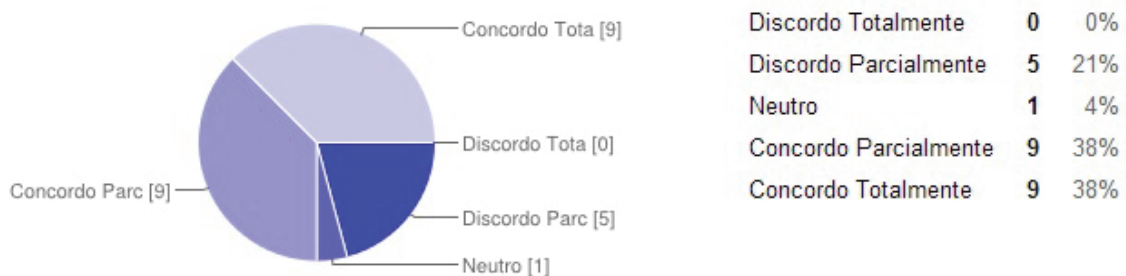


Figura 6: Sistema atual e a criatividade

Quando perguntados se a universidade os ensinava a sobreviver num ambiente complexo, globalizado e cheio de avanços tecnológicos, somente 17% afirmou que sim. Em contrapartida, 83% acredita que a universidade não proporciona esta aprendizagem. A maior parte dos estudantes também afirmou que as habilidades necessárias para sobreviver neste mundo são aprendidas fora da sala de aula (92%).

A maior parte dos alunos concordou parcialmente/totalmente quando colocado o seguinte questionamento: "Você associaria o sistema educacional em que está inserido hoje como um sistema industrial, de produção em série, ou mesmo um *fast food*, em que os professores colocam as 'informações' e desejam que tudo saia finalizado para seus alunos?"

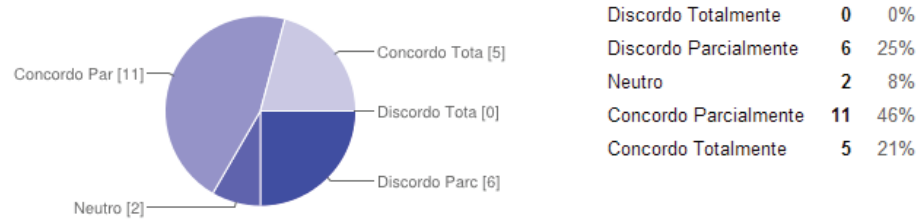


Figura 7: Sistema de Educação Formal e Sistema Industrial

Mesmo com esse cenário atual ainda muito forte, e visto nos resultados acima, os estudantes pesquisados estão dispostos a ter uma aprendizagem contínua e invisível, isto é, baseada no compartilhamento de experiências, com forte presença das TIC's, com mais observações que métodos de avaliação tradicionais e com práticas de ensino inovadoras e motivadoras. Os estudantes estão dispostos a aprender também fora da sala de aula e a aplicar, de fato, os conhecimentos apreendidos e desaprendidos no seu dia a dia.

Podemos observar esse posicionamento dos estudantes participantes quando indagados se estariam dispostos a terem aulas com maior interatividade, com uso intensivo de recursos tecnológicos, baseadas na experiência, na observação e visando sempre a aprendizagem contínua. Tal posicionamento pode ser checado no gráfico a seguir:

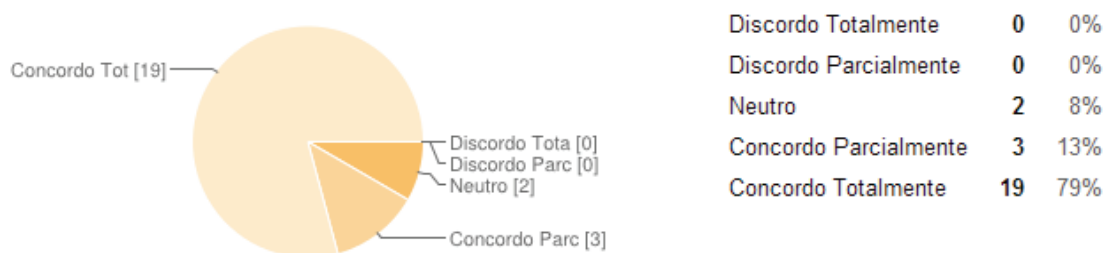


Figura 8: Posicionamento dos estudantes quanto à Aprendizagem Invisível

Nesse sentido, o que podemos verificar e levantar a partir das respostas dos questionários é que o sistema de educação formal necessita de uma revolução, necessita que pensemos nele como promotor de conteúdos, mas não somente isso. A necessidade de repensar este sistema converge com a criação de modelos de aprendizagem contínuos e que estimulem o desenvolvimento de competências que respondam as demandas do mundo atual.

Assim, corroboramos com Jan Philipp Schmidt (2010, apud Cobo e Moravec, 2011) quando nos diz que existe uma lacuna entre o que se ensina hoje nas universidades e o que o mercado exige. E dessa forma, temos ainda mais um motivo para desejarmos um sistema de educação invisível, no qual as universidades oferecem conteúdos abertos, modelos de ensino entre pares (com grupos relativamente pequenos) e uma aprendizagem baseada em três pilares: Aprendemos de todos, por todos e acerca de quase qualquer coisa.

6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do referencial teórico estudado e das respostas obtidas através da pesquisa de levantamento com os 24 estudantes que responderam o questionário proposto, bem como de sua respectiva análise, verificamos que não há evidências de aplicação das metodologias da Aprendizagem Invisível nas academias estudadas, objetivo maior deste estudo.

Contudo, percebemos marcante tendência nos estudantes de positiva receptividade às práticas observadas na literatura de Aprendizagem Invisível.

O que se deseja agora, frente aos resultados encontrados, é incutir nas mentes dos educadores, funcionários que fazem as universidades e demais partícipes deste processo que nosso sistema de educação atual precisa de uma evolução e uma recriação. Não se trata de abolir o sistema existente. Sabemos que ele é insuficiente e, na maioria das vezes, inadequado. Mas não ensinamos aboli-lo. Precisamos reinventá-lo. Os tempos atuais exigem novas aproximações e novos modelos de focar o capital humano, capazes de responder às mudanças do amanhã.

Acreditamos que o uso das TIC's é de fundamental importância neste processo de recriação do sistema de educação atual, no entanto, insuficiente também para alcançar tal evolução. Como afirma Cobo e Moravec (2011), a educação necessita de uma melhora ecológica, sistêmica, de longo prazo e que resulte inclusiva.

Se pensarmos a educação como o meio ambiente ficará ainda fácil de entender: da mesma maneira que não é possível adotar soluções simples, rápidas e efetivas para resolver os problemas do meio ambiente, não podemos pensar em melhorias profundas para a educação baseadas somente no presente. É mister que apostemos em ações de longo prazo, em alguns casos, complexas e nem sempre com resultados visíveis aos olhos de todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia da ciência**. Curitiba: Editora da UFPR, 1993.

CASTELLIS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Alexandra Lemos, Catarina Lorga e Tânia Soares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 4ª edição, 2011.

CFA – Conselho Federal de Administração. Disponível em http://www2.cfa.org.br/formacao-profissional/destaques/avaliacao%20de%20cursos%20pelo%20sistema%20cfa_cras/administracao-financeira, acessado em 13/07/2013.

COBO ROMANÍ, Cristóbal; MORAVEC, John W. **Aprendizaje Invisible: Hacia una nueva ecología de la educación**. Barcelona: Col·lecció Transmedia XXI. Laboratori de Mitjans Interactius / Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, 2011.

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. **Sociedade da Informação, do Conhecimento e da Aprendizagem: desafios para educação no século XXI**. Revista de Educação, Vol. XVIII, nº 1, 2011 | 5 - 22

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

IORESE, Romeu. **Metodologia da pesquisa: como planejar, executar e escrever um trabalho científico**. João Pessoa: EDU, 2003.

FISCHER, G. **Lifelong-learning – More than training In: Journal of Interactive Learning Research**, Vol 11 Issue (3/4), pp. 285-290.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Educação como prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 50ª edição, 2011.

OECD (2012), **Education at a Glance 2012: OECD Indicators**, OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/eag-2012-en>

OECD (2013), **Education at a Glance 2013: OECD Country Note Brazil**, OECD Publishing.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e Conhecimento**. In.: Aprendizagem e conhecimento.

_____. **Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos**. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973.

ROBINSON, Ken. **Out Of Our Minds: Learning To Be Creative**. University of California Press, 2011.

_____. **The element:** how finding your passion changes everything. Penguin Group, 2009.

SOUZA, Robson Pequeno de et al. **Tecnologias Digitais na Educação.** Campina Grande: EDUEPB, 2011

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda.** Tradução de João Távora. Rio de Janeiro: Editora Record, 14ª edição, 1980.

VEEN, W.; VRAKKING, B. (2009). **Homo Zappiens:** Educando na era digital. Porto Alegre: Artmed.